

A INGENUIDADE COMO PROJETO POLÍTICO FALIDO

Daniel Lage

Um gozador comentou
- Já não se cavalga tão bem no país!
Afinal somos meio leitões
Somos chefes de casas civis
Aldir Blanc

É difícil fazer uma crítica sobre “Ainda estou aqui” de Walter Salles Junior¹. Afinal é um filme que nasceu rodeado de aprovações monumentais de gente muito conceituada. No entanto, tem momentos que a experiência artística cria conexões tão destoantes do clima geral que se ergueu sobre a obra, que me parece necessário compartilhar essas reflexões, pois talvez tenha algo a ser dito para além das aprovações.

Direto ao assunto. “Ainda estou aqui” é um filme marcado pela ingenuidade. Mais que isso, é um filme que defende a ingenuidade como força estética, como identidade social e política. É um convite para se emocionar com o ingênuo e com a perversidade que esse ingênuo quer esconder. E o filme faz tudo isso muito bem.

Veja: Rubens Paiva é retratado como um bonachão endinheirado, que apesar da carreira política interrompida e a promessa à família de não se envolver mais em política, foi preso, torturado e morto, por ajudar exilados a entregar cartas aos familiares (mas sem se envolver com a luta armada, por favor); a família Paiva é desenhada como uma família feliz, corada pelo sol da orla da zona sul do Rio de Janeiro com ótimas relações com amigos e seus funcionários (é sério?); Eunice, sua esposa, é uma mulher amada e que ama o marido e a família por toda a vida, percorre sua jornada de heroína assexuada com elegância e é coroada ao final com mais uma foto de família feliz, mesmo com uma doença que lhe tira a cognição (alô?); se ela reclamou alguma vez do marido ter escondido sua “atividade militante” e, por isso ter sido presa e a família destruída, paciência, ela seguiu devota e fiel (mais linear que uma reta

¹ O filme é inspirado no livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva, escritor, e filho dos protagonistas retratados no filme. A crítica desse texto se reduz ao filme homônimo.

na geometria); apesar dos pesares, os filhos cresceram, se formaram, viraram boa gente, e tudo foi superado com muita luta (quem cozinhava o banquete?).

Fica difícil aceitar essa defesa da ingenuidade de uma bolha social festiva endinheirada que quer “apenas ser feliz” e construir sua mansão na zona Sul, quando lembramos que a extrema-direita impõe seu projeto fascista mais uma vez sobre nós. O filme não é capaz de tocar uma contradição crítica aos erros passados e, na verdade, faz uma afirmação da ingenuidade política como jeito de ser e agir. Leva o espectador a se identificar (ter identidade) com uma burguesia que sonha com seu projeto de mansão na Zona Sul do Rio, alegremente registrado pelos filhos numa câmera manual caríssima, e que acredita que pode ter excelentes relações com seus empregados domésticos.

O aspecto perverso vem justamente em esconder as contradições da posição social e econômica da própria família, e apresentar o drama (branco, e muito branco) como ponto de identidade universal na luta contra a ditadura. É uma família de grandes negócios? É! Com muita herança? Sim! Muitos funcionários? Também! Mas, e daí? Se o que importa é a gente ser feliz? Desde que não me retirem dessa posição, evidentemente. Tudo aparece como superficial e tenebrosamente perverso no que essa ingenuidade esconde. E estou falando de Walter Salles e sua câmera que adora um dramalhão desde Central do Brasil, mas que esconde atrás do drama uma fraqueza política gigantesca, só que como defesa dessa fraqueza, que só faz sentido para um parte da burguesia que foi derrotada pela ditadura militar, e não para a classe trabalhadora que foi exterminada e destruída em suas principais organizações. Rubens Paiva foi ingênuo, em vários sentidos, patético, mas ele é defendido como exemplo. É o retrato dramático de um derrota de parte da burguesia contra outra parte da própria burguesia, e se universaliza como a grande luta – em defesa da família padronizada e sua posição social, evidentemente, ingênua.

Essa ingenuidade exaltada como estética política é como acreditar que tocar em um bloco de carnaval vai mudar o mundo, ou que comprar alimentos orgânicos pelo dobro de preço está ajudando a humanidade a avançar. Há aí uma identidade criada com essa ingenuidade que é perversa, pois mobiliza para um projeto falido pois não realiza o que promete. É a identidade das bolhas sociais dos bairros descolados e com gente descolada que acha que quem votou no Bolsonaro é imbecil, e apenas eles muito inteligentes. E com essa mesma “ingenuidade” levam um tamborim na mochila pra tocar em pé numa roda de samba, sem respeitar quem está lá, por que a roda de samba é democrática. É uma identidade da branquitude pequeno-burguesa (mobilizada pela burguesia derrotada na ditadura) que foi incapaz de fazer uma autocrítica de

sua derrota, e que reafirma sua posição social (e tudo que isso significa como auto-defesa de uma posição privilegiada de classe) por acreditar num mundo melhor. Ela acredita.

De outra perspectiva. O filme trata da saga da família de Rubens Paiva em uma narrativa dramática e fixada superficialmente nas relações familiares, tendo como tensão central o drama da família feliz que foi destruída pela ditadura. A família rica e feliz é retratada em cenário, figurino e fotografia ao estilo década de 70, incluso a sexualização da infância das mulheres. Mas sem tensões nisso, o filme quer e retrata a pureza da família feliz e chega a ser enjoativo nas cenas de amor entre Rubens e Eunice e a alegria familiar nas festas, sem nenhuma contradição, sem nenhuma tensão real, senão a pureza de uma família herdeira (exuberante em riqueza) que alugou provisoriamente uma belíssima casa ao lado da orla no Leblon, e acabou de comprar um terreno num lugar chiquérrimo para construir sua mansão. Porta aberta aos amigos, filhos saudáveis, empregados domésticos satisfeitos e compromissados com sua alegria... Mas, uma pena, aí vem a ditadura para interromper a vida tão boa que levavam.

Rubens Paiva é preso, elegantíssimo, como foi retratado desde de o início, e logo depois sua esposa e filha Eliana, sem tanta elegância. Eliana é solta em 24h, e sua mãe Eunice fica detida em situações insalubres, sendo chamada para recorrentes interrogatórios ameaçadores, por 12 dias. É a virada da narrativa, o filme poupa a todos das cenas de tortura, e segue com seu foco, mesmo na prisão, no eixo dramático da relação familiar destruída. Difícil não se afetar pela felicidade destruída, mas, mais difícil ainda é aceitar um retrato tão superficial e quase caricatural dessas relações.

A partir daí, como por óbvio, quem assume o protagonismo da película é Eunice Paiva (Fernanda Torres em brilhante atuação), a feliz esposa de Rubens Paiva em busca do marido preso e desaparecido. Está montada a jornada da heroína, assexuada, compromissada com o amor eterno pelo marido e o bem estar da família até o fim de sua vida. Apesar de ter de se mudar para São Paulo, uma cidade, evidentemente, mais feia que o Rio de Janeiro, a sua luta é um sucesso. Ela se torna uma advogada famosa na luta pelos oprimidos, consegue o reconhecimento do Estado pela morte do marido, (momento que tem direito a merchandising do primeiro livro de Marcelo Rubens Paiva, filho do casal). Ao fim, torna-se a matriarca de uma família feliz, em mais uma festa, com direito a um último lapso de emoção com a magnífica atuação de Fernanda Montenegro, finalizando com uma fotografia no quintal. O último lapso de emoção se dá quando Eunice, completamente debilitada pelo Alzheimer, cadeirante,

colocada na frente da televisão, sob os cuidados de uma empregada, enquanto os familiares festejam no quintal, assiste a uma notícia de jornal que fala justamente da prisão do marido. Mais um vez, é difícil não se afetar pela interpretação de Montenegro (e a boa sacada do filme da passar a bola entre as fernandas), mais uma vez, é difícil também aceitar a última afirmação do amor eterno, da vida dedicada, e a superficialidade geral com que todas as relações foram retratadas.

Por fim, resta algo que emocionou pelo dramático. Um recurso banal exaustivamente utilizado na televisão brasileira (do Ratinho ao Luciano Huck) e que Walter Salles é famoso por fazer bem. Mas que, para isso, nos guiou por uma narrativa frouxa, apelando para a jornada do herói, e que defende que existe uma burguesia “do bem”, pois não quer fazer mal a ninguém.

Enfim, é um filme que defende a ingenuidade como força estética, como identidade social e justamente por isso é perverso, é corrosivo – não no sentido bom, do rir sem o riso da ironia, mas no sentido nocivo, do que exalta e esconde a perversidade dessa burguesia democrática que, realmente, não tem nada de ingênua. E nisso, o título acerta muito bem, essa burguesia ainda está aí, dirigindo projetos políticos e mobilizando parte da classe trabalhadora, espalhando a esperança de quem sabe algum dia, você trabalhe pra eles.